

Das ondas sonoras às produções científicas: mapeamento das acadêmicas que trabalharam e/ou trabalham em rádio

De las ondas sonoras a las producciones científicas: mapeo de académicos que han trabajado y/o trabajen en radio

From sound waves to scientific Productions: mapping of academics who have worked and/or work in radio

Izani Mustafá; Kátia Fraga; Nayane Cristina Rodrigues de Brito

Resumo

O artigo é um mapeamento das mulheres acadêmicas do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e do Grupo Temático História da Mídia Sonora da ALCAR - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia que trabalharam e/ou trabalham em alguma rádio. Por meio da pesquisa exploratória (Martino, 2018; Gil, 2002) foram identificadas 38 mulheres. Num segundo momento, foi enviado um questionário on line (google forms) e 27 delas responderam às questões semiestruturadas. Todas trabalharam em rádios comerciais, educativas/públicas ou comunitárias e têm uma trajetória de sucesso e com muitas experiências. Muitas delas, agora como

>> Como citar este texto:

MUSTAFÁ, Izani; FRAGA, Kátia; BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de. Das ondas sonoras às produções científicas: mapeamento das acadêmicas que trabalharam e/ou trabalham em rádio. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 03, p. 181-201, set./dez. 2025.

Sobre a autoria

Izani Mustafá

izani.mustafa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1229-6171>

Professora do curso de Jornalismo e da Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Coordena o Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora no Maranhão e é Diretora de Comunicação da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia.

Kátia Fraga

katiafraga@ufv.br

<https://orcid.org/0000-0002-8723-0014>

Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Regionalidades da Universidade Federal de Viçosa. Concluiu o estágio Pós-doutoral na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Nayane Cristina Rodrigues de Brito

nayanebritojornalista@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9989-8804>

Professora substituta do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. É doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Catarina.

professoras em diferentes universidades públicas ou privadas do Brasil, são coordenadoras de projetos de extensão e de pesquisa dedicados às mídias sonoras.

Palavras-chave: História da Mídia Sonora; Rádio; Mulheres; Acadêmicas; Pesquisadoras.

Resumen

Este artículo presenta a las académicas del Grupo de Investigación en Radio y Medios Sonoros de Intercom (Sociedad Brasileña de Estudios Interdisciplinarios de la Comunicación) y del Grupo Temático de Historia de los Medios Sonoros de ALCAR (Asociación Brasileña de Investigadores en Historia de los Medios) que han trabajado o trabajan en radio. Mediante una investigación exploratoria (Martino, 2018; Gil, 2002), se identificaron 38 mujeres. Posteriormente, se distribuyó un cuestionario en línea (Formularios de Google) y 27 de ellas respondieron preguntas semiestructuradas. Todas han trabajado en radios comerciales, educativas/públicas o comunitarias y cuentan con una trayectoria exitosa y una amplia experiencia. Muchas de ellas, actualmente profesoras en diversas universidades públicas y privadas de Brasil, coordinan proyectos de extensión e investigación dedicados a los medios sonoros.

Palabras clave: Historia de los Medios Sonoros; Radio; Mujeres; Académicas; Investigadoras.

Abstract

This article maps out the women academics in the Radio and Sound Media Research Group of Intercom (Brazilian Society for Interdisciplinary Communication Studies) and the Thematic Group on Sound Media History of ALCAR (Brazilian Association of Media History Researchers) who have worked or currently work in radio. Through exploratory research (Martino, 2018; Gil, 2002), 38 women were identified. Subsequently, an online questionnaire (Google Forms) was distributed, and 27 of them responded to semi-structured questions. All have worked in commercial, educational/public, or community radio and have successful careers with extensive experience. Many of them, now professors at various public and private universities in Brazil, coordinate extension and research projects dedicated to sound media.

Keywords: History of Sound Media; Radio; Women; Academics; Researchers.

É preciso dar visibilidade às profissionais do rádio¹

Este artigo é uma versão revisada, ampliada e aprofundada a partir de uma pesquisa apresentada no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom Nacional 2024² e no XV Encontro Nacional de História da Mídia 2025³. Relembramos que, mesmo após 106 anos de história do rádio brasileiro⁴, pouco sabemos da presença das mulheres e, praticamente, não existem bibliografias e trabalhos científicos, como artigos apresentados em congressos e publicados em revistas da área da comunicação e da história, sobre essas profissionais.

Embora o rádio só tenha sido consolidado como objeto de estudo científico no campo acadêmico há 60 anos (Zuculoto, 2016), é importante reconhecer o pioneirismo da jornalista e pesquisadora Maria José de Andrade Lima, a Zita. Formada em Jornalismo em 1963 pela Universidade Católica de Pernambuco, Zita iniciou suas publicações na revista *Comunicações & Problemas* e, em 1967, concluiu o mestrado na UnB, transformando sua dissertação no livro *Princípios e Técnica de Radiojornalismo* (1970). Ainda assim, como destaca Zuculoto (2016, p. 27), é apenas a partir da década de 1990 que os estudos científicos sobre o rádio ganham visibilidade e reconhecimento acadêmico.

No entanto, compreendemos que é preciso avançar e dar visibilidade a muitas outras mulheres que estão no campo acadêmico e trabalharam e/ou trabalham ainda em rádio ou estão como coordenadoras de projetos de extensão de rádio em universidades onde trabalham. Para isso, nosso objetivo neste artigo é apresentar um mapeamento das pesquisadoras do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

¹ Trabalho revisado e ampliado a partir de um artigo apresentado no **GT História da Mídia Sonora**, integrante do XV Encontro Nacional de História da Mídia. Financiado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - FINANCE CODE 001.

² O 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, organizado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação foi realizado na Univali (SC), nos dias 5 e 6 de setembro de 2024.

³ O XV Encontro Nacional de História da Mídia, organizado pela ALCAR – Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia, foi realizado no ICSA da UFOP de Mariana, de 27 a 29 de agosto de 2025.

⁴ Consideramos que a primeira emissora a fazer transmissões no país foi a Rádio Clube de Pernambuco, em 1919, em Recife (CARTA DE NATAL, 2019).

Comunicação e do Grupo Temático História da Mídia Sonora da ALCAR – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, considerados os grupos que mais reúnem investigadores dos estudos radiofônicos. Inicialmente realizamos um levantamento exploratório (Martino, 2018; Gil, 2002) que depois foi cruzado e analisado com um questionário (*google forms*) enviado pela lista de discussões de e-mail e pelo canal de conversação *WhatsApp*. Assim conseguimos ter um quadro que identifica a participação e a relevância feminina no rádio e na pesquisa acadêmica.

Acreditamos que este estudo é um contributo importante também para a historiografia do rádio, iniciada na Pesquisa Nacional Coletiva intitulada “A história das mulheres no rádio brasileiro - revisão do relato histórico”, coordenada pelas professoras Juliana Gobbi Betti, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e Valci Zuculoto, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo delas é desenvolver uma revisão do relato histórico do desenvolvimento do rádio brasileiro, incluindo o gênero como uma categoria de análise, evidenciando a contribuição das mulheres na constituição do meio no país. Num artigo de 2024 elas aprofundam a proposta e afirmam que “as mulheres participaram do desenvolvimento do rádio brasileiro desde a formação das primeiras emissoras”, mas, completam, “pouco sabemos sobre como se deu tal participação, menos ainda sobre as contribuições femininas para a popularização ou para os processos de inovação que possibilitaram a constante renovação da relevância política e social do meio” (Betti e Zuculoto, 2024, p. 210).

As autoras relembram que existem histórias narradas das cantoras do rádio, que se destacaram nas décadas de 1940, 1950, mas pouco se sabe daquelas que ocuparam cargos de gestão e produção no rádio. Para Betti e Zuculoto (2024, p. 210), essa “ausência se configura e se mantém a partir de um conjunto de condições que inclui questões socioculturais e políticas, bem como o avanço lento na construção de um diálogo verdadeiramente interdisciplinar com os estudos históricos”. Apesar das pesquisadoras citarem alguns trabalhos que retratam a presença das mulheres no rádio,

a não regularidade e a inexistência de estudos mais abrangentes sobre as profissionais femininas e suas contribuições para desenvolvimento histórico do rádio brasileiro vêm acarretando um processo de exclusão e apagamento. Isso porque a ausência do relato se estende e se consolida como uma ausência da própria história. (Betti e Zuculoto, 2024, p. 212).

Também concordamos que a ausência dos relatos das trajetórias das profissionais do rádio favorece o apagamento de suas histórias. E destacando uma afirmação de hooks (2022, p. 43), acreditamos que o “movimento feminista se fortaleceu quando encontrou o caminho da academia. Em salas de aula por toda a nação, mentes jovens eram capazes de aprender sobre pensamento feminista, ler a teoria e usá-la em pesquisas acadêmicas”. A partir dessa reflexão da teórica feminista, vamos fortalecer o movimento feminista porque estamos reconstruindo as trajetórias de mulheres acadêmicas que trabalharam e/ou trabalham no rádio ou na coordenação de projetos de extensão de rádio, mídias sonoras ou podcasts.

Neste artigo, estamos dando visibilidade para mulheres profissionais que contribuíram para a história do rádio brasileiro do final do século 20 e século 21, emprestaram suas vozes para transmitir notícias, comandaram equipes, foram às ruas fazer reportagens, dividiram seus espaços com colegas mulheres, homens e LGBTQIAP+. Então, estamos, como enfatiza hooks (2022, p. 42), produzindo uma “demanda de recuperação da história das mulheres” considerada uma “das mais poderosas e bem-sucedidas intervenções do feminismo contemporâneo”.

Assim como Betti e Zuculoto (2024), pretendemos ampliar os estudos e dar visibilidade às mulheres que trabalharam e/ou trabalham em rádio, sendo que muitas, como professoras em universidades públicas e privadas, continuaram próximas do fazer rádio e produzir programas em áudio. E dessa maneira também estaremos “incluindo a participação das mulheres no percurso histórico do rádio” (Betti e Zuculoto, 2024, p. 212). Neste artigo, assim como Betti e Zuculoto (2024, utilizamos o gênero como categoria de análise.

Metodologia

Como estratégia metodológica inicial, realizamos uma pesquisa exploratória (Martino, 2018; Gil, 2002) nos Grupos de Pesquisas Rádio e Mídia Sonora da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e História da Mídia Sonora da ALCAR - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia para identificar as pesquisadoras acadêmicas que trabalharam e/ou trabalham em alguma rádio e/ou estejam atuando em projetos de extensão envolvendo o rádio e as mídias sonoras. Depois, a fim de nos certificarmos e confirmar informações levantadas, elaboramos um formulário *on line* (*google forms*), enviado no final de abril e que se manteve aberto até 5 de maio de 2025, com doze perguntas semiestruturadas, incluindo a identificação (nome, formação acadêmica - Jornalismo, Radialismo, Publicidade e Propaganda ou outros); autodescrição (negra, parda, preta, branca, indígena, quilombola); e informações descritivas e subjetivas sobre a experiência e a contribuição delas na trajetória do rádio brasileiro: início do trabalho; tempo de atuação; funções exercidas, incluindo apresentação de programas; lembranças dos momentos vivenciados; ocupação atual e se as pesquisas desenvolvidas ao longo da trajetória acadêmica abordaram a emissora ou as emissoras na(s) qual(uais) atuou ou atua.

Ao todo, 29 pessoas responderam ao formulário compartilhado nas redes de pesquisa. Uma pessoa do sexo masculino também preencheu os dados e como o questionário era voltado para o perfil feminino, não pudemos considerar as respostas. Entre os respondentes, consideramos a resposta de um homem trans que fez uma transição de gênero após a pandemia da covid-19. Enquanto mulher acadêmica ela trabalhou em rádio e agora como homem se mantém no mercado de trabalho. Portanto, nosso *corpus* de respostas considera para este artigo 27 mulheres acadêmicas que trabalharam e/ou trabalham em rádio.

No **Quadro 1**, abaixo, a relação das mulheres que responderam ao questionário:

**Quadro 1 – Mulheres acadêmicas que responderam ao questionário
(google forms)**

Nome da profissional	Rádio em que trabalhou e/ou (trabalha)
Adriana Gomes Ribeiro	Rádio comunitária (2000) e Rádios da EBC/RJ
Ananda Kallyne Muniz Portilho	Rádio CBN Araguaína/TO
Claudia Irene de Quadros	98 FM e CBN Curitiba/PR
Debora Cristina Lopez	Rádio Nacional Sul, em Ponta Grossa/PR
Evelyn Iris Leite Morales Conde	Rede de Rádio Boa Vontade, CBN Pantanal, Rádio Cidade, Universitária UNIDERP FM, Educativa Cultura FM/RO e CBN Amazônia (2020 a 2023)
Helen Pinto de Britto Fontes	Rádio Continental AM, Antena Um FM, Globo AM, Manchete AM, Alvorada FM, Opus 90 FM.
Isabeau Cotrim Ferreira Pinto Sant'ana	Rádio Comunitária 87.9 FM/ Frederico Westphalen/RS
Isabela S Vieira	Rádios da EBC
Izani Mustafá	Rádio Guaíba AM/RS, Bandeirantes/RS, Difusora AM/SC, Joinville Cultural FM/SC e WEB Rádio UFMA ITZ
Janete El Haouli	Rádio UEL FM/PR
Karina Woehl de Farias	Rádio Eldorado, Hulha Negra, Eldorado e Som Maior/SC
Karlo Daniel Rodrigues	Rádio Arte FM, comunitária Cidade FM de Itabirito e Mariana FM
Kátia Fraga	Sistema Gazeta de Rádio (ES)
Lenize Villaça Cardoso	Rádio Alvorada, Capital-AM SP, CBN-SP, Web Rádio Mackenzie e Rádio Cultura FM, da Fundação Padre Anchieta/SP
Lilian Martins Zarembo da Camara	Rádio MEC/RJ
Luizy Aparecida da Silva Carlos	Rádio Frei Caneca FM/PE
Maíra Rossin Gioia de Brito	Rádio CBN/PR
Maria Angelica Aleixo Beck Lourenço	Rede Boa Vontade 1260 e AM 84.3 FM.
Maria Jovelina da Cruz Guimarães Araújo	Rádio Cidade FM, Transamérica, 103 FM, Top FM, CBN Recife, Globo, Clube de Pernambuco e Folha FM
Mirian Redin de Quadros	Rádio Jornal da Manhã, Educativa Unijui FM, Universidade AM e Uni FM
Nair Prata Moreira Martins	Rádio Tiradentes (Sistema Globo de Rádio) e Cultura (Rede Itatiaia de Rádio)
Norma Maria Meireles Macêdo Mafaldo	Rádio Igaraçu AM/PI; Educadora de Parnaíba AM, Antares AM, Educativa do Piauí AM/PI, Antena 10 FM/PI, Cabo Branco FM/PB, Web Rádio Intercampus UFPB/PB e Web Rádio Porto do Capim
Patrícia Rangel Rodrigues	Rádio Gazeta, Sistema Globo de Rádio/CBN e Tupi
Rafaete de Araujo	Rádio comunitária Arca FM/MA
Sheila Borges de Oliveira	Rádio CBN Recife/PE
Sônia Caldas Pessoa	BHFM, Globo AM, Itatiaia, Extra FM e CBN/BH

Valci Regina Mousquer Zuculoto	Rádio Gaúcha/RS, Rádio Guaíba, free-lancer para emissoras livres, FM Cultura/RS e Web Rádio Ponto UFSC/SC
--------------------------------	---

Fonte: As autoras

Algumas das mulheres acadêmicas citadas acima continuam atuando em rádio porque são professoras de universidades públicas ou privadas e são coordenadoras de projetos de extensão focados na produção em áudio.

Infelizmente, a chamada ao questionário não foi respondida por algumas pesquisadoras acadêmicas que trabalharam em rádio, identificadas numa pesquisa exploratória no currículo lattes, realizada para um artigo inicial apresentado em 2024, no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. São elas: Ana Baumworcel (Rádio Jornal do Brasil/RJ), Daniela Souza (Rádio Educadora FM/BA e Rádio Bandeirantes em Santos/SP), Giovana Mesquita (Sistema Globo de Rádio/PE), Lídia Paula Trentin (Rádio Udesc FM Joinville/SC), Luana Viana (Rádio UFOP/MG), Magda Cunha (RBS, Rede Pampa de Comunicações e Empresa Jornalística Caldas Júnior/RS), Mariane Quadros (Rádio da Universidade/RS), Marizandra Rutilli (Rádio Jornal da Manhã e Rádio Educativa Unijuí FM/RS), Nélia Del Bianco (Rádio Difusora de Goiânia/GO), Sônia Virgínia Moreira (Rádio Jornal do Brasil/RJ) e Vera Raddatz (Rádio Educativa Unijui FM/RS). Isso significa que existem nos dois grupos (Intercom e ALCAR) mais 11 mulheres acadêmicas que dedicaram parte de suas vidas ao trabalho em alguma emissora. Portanto, identificamos um total, até agora, de 38 pesquisadoras e profissionais que desenvolveram e/ou desenvolvem alguma atividade no rádio.

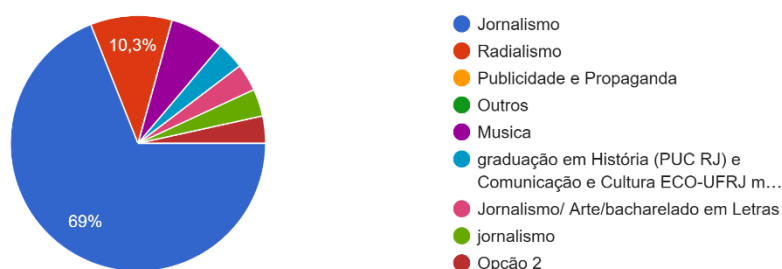
Para descrever a trajetória profissional de pelo menos três mulheres acadêmicas, definimos como critério de escolha as coordenadoras mais recentes do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom: Nair Prata (2011-2012; 2013-2014), Valci Zuculoto (2015-2019) e Debora Cristina Lopez (2021-2024).

Análise dos dados coletados nos questionários (*google forms*)

Os dados coletados junto às 27 pesquisadoras que atuaram no campo do

rádio fornecem um panorama significativo sobre o perfil acadêmico e demográfico desse grupo. A análise das informações identificatórias, incluindo nome completo, formação superior e data de nascimento, possibilita uma compreensão acerca dessas profissionais e suas trajetórias. O **Gráfico 1** apresenta elementos sobre a formação superior das profissionais que participaram da pesquisa.

Gráfico 1 – Representação da formação superior das 27 pesquisadoras



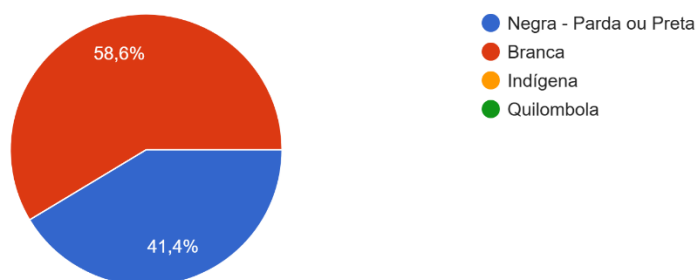
Fonte: As autoras

A predominância de formações em Comunicação Social, Jornalismo e áreas correlatas aponta para uma relação entre a formação acadêmica e a prática profissional no campo radiofônico. Essa correlação evidencia que o rádio é um campo especializado, demanda conhecimento técnico e teórico específicos. A diversidade observada em outras áreas de formação sinaliza a interdisciplinaridade que permeia os estudos sobre rádio.

Na análise dos dados sobre faixa etária e trajetórias profissionais constatou-se uma concentração de pesquisadoras nascidas entre as décadas de 1960 e 1980, o que sugere a presença de profissionais com experiência consolidada. Este dado corrobora para a historicidade do campo, uma vez que as acadêmicas dessa faixa etária podem contribuir com memórias para o desenvolvimento das práticas e pesquisas em rádio. A presença de profissionais mais jovens também é importante, pois indica a renovação geracional e a permanência de mulheres da área.

No **Gráfico 2** verificamos dados sobre a identificação racial/étnica das participantes da pesquisa.

Gráfico 2 – Identificação racial/étnica das entrevistadas.



Fonte: As autoras

A maioria das respondentes se identifica como branca, o que representa uma proporção de 58,6%. A presença de 41,4% de pesquisadoras negras (pardas ou pretas) aponta avanços quanto a presença dessas mulheres no meio radiofônico. Nenhuma participante se declarou indígena ou quilombola, o que sugere, até a escrita deste artigo, a invisibilidade desses grupos. Esses dados alertam para a necessidade de equidade racial na participação feminina no rádio.

A análise das 27 respostas à pergunta “Quando e como você começou a trabalhar em rádio?” apresenta uma diversidade de trajetórias que se estendem de 1977 a 2024, evidenciando a presença de mulheres no rádio ao longo de quase cinco décadas. Muitas iniciaram suas atividades ainda durante a graduação, por meio de estágios formais ou informais, em emissoras comerciais, universitárias ou comunitárias, especialmente em regiões como o Sul e o Sudeste do Brasil.

Essas trajetórias revelam que o rádio foi, para muitas dessas mulheres, não apenas um espaço de trabalho, mas também de militância, pesquisa acadêmica e construção de identidades. A atuação em emissoras como a Rádio UEL FM, Rádio Ponto UFSC, rádios comunitárias e universitárias, assim como a presença em veículos tradicionais, principalmente das regiões Sul, Sudeste e Nordeste do país, como CBN, Globo, Cultura, Guaíba, Gaúcha, Nacional, MEC e

Itatiaia, demonstra o trânsito entre grandes veículos e a comunicação comunitária e universitária.

As respostas demonstram que a presença feminina no rádio abrangeu posições estratégicas como chefia de redação, coordenação de produção, direção de emissora, além da realização de conteúdos autorais e educativos. As profissionais desempenharam papéis como repórteres, redatoras, locutoras, produtoras, editoras, pauteiras, apresentadoras, sonoplastas, operadoras de som e coordenadoras pedagógicas, o que indica uma atuação nas etapas de concepção, execução e gestão de conteúdo radiofônico.

Quanto aos programas apresentados pelas entrevistadas, constatou-se uma diversidade de formatos e temáticas. As profissionais relataram experiências que vão desde programas jornalísticos diários com prestação de serviços, entrevistas e coberturas especiais, até produções culturais e musicais de caráter experimental. Também se destacam iniciativas voltadas a públicos específicos, como programas religiosos, feminino ou rural, e experiências educacionais em rádios universitárias.

As lembranças relatadas pelas pesquisadoras demonstram marcas emocionais, que vão da realização à frustração. As memórias positivas ressaltam o papel do rádio como espaço de vínculo, sobretudo na interação com os ouvintes.

As narrativas também destacam o rádio como ambiente de aprendizado, formação crítica e conquistas profissionais. Em contrapartida, os relatos de experiências negativas expõem um cenário de precarização: excesso de trabalho, baixos salários, assédios, discriminação de gênero e violência simbólica.

A análise das respostas à questão sobre a incorporação da experiência profissional em rádio nas pesquisas acadêmicas demonstra uma relação entre prática e produção científica no campo radiofônico. Entre as 27 pesquisadoras participantes, observamos que uma parte considerável articula, de modo direto ou indireto, suas vivências nas emissoras com os objetos de estudo desenvolvidos.

Diversas docentes e pesquisadoras que participaram da pesquisa desenvolvem projetos relacionados ao jornalismo sonoro, radiojornalismo, mídias sonoras e artes sonoras, muitas delas coordenando grupos de pesquisa, programas de extensão e produções audiovisuais, como web rádios e podcasts. Além disso, algumas atuam na formação de estudantes de graduação e pós-graduação.

A vida profissional no rádio de três mulheres acadêmicas

Neste subcapítulo vamos apresentar o perfil das três últimas coordenadoras do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Algumas informações foram complementadas com uma revisão em seus currículos lattes, disponível *on line* pelo CNPq⁵.

Debora Cristina Lopez

Formada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1998), Debora Lopez é doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (2009) e mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2005). Concluiu estágios pós-doutorais em Comunicação Audiovisual na Universidad de Extremadura (Espanha), sob a supervisão do Prof. Dr. Daniel Martín-Pena (2022) e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2019), sob a supervisão da profa. Dra. Sonia Virginia Moreira.

Debora é (re)conhecida pelo perfil de profissional solidária, acolhedora e incentivadora para novos/as pesquisadores/as e por criar e desenvolver amplas parcerias. Outra marca pessoal é seu largo sorriso, repleto de afeto e doçura. Aos 47 anos, é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em Minas Gerais.

⁵ Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/>.

Tornou-se uma protagonista e grande referência no cenário de pesquisadores da mídia radiofônica no Brasil e em outros países. Entre as produções mais conhecidas, é autora de "Novo Rádio, Velhas Narrativas" (Livros Labcom, Portugal, 2022) e de "Radiojornalismo Hipermediático" (Livros Labcom, Portugal, 2010) e organizadora de "Rádio no Brasil 100 Anos de História em (Re) Construção" (Ed. Unijuí, 2020) junto a Vera Raddatz, Valci Zuculoto e Marcelo Kischinhevsky e "Estudos Radiofônicos no Brasil" (Intercom, 2016), em parceria com Valci Zuculoto e Marcelo Kischinhevsky.

Até final de 2024, Debora era a coordenadora do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom (2021-2024). Atualmente, é vice-coordenadora do Grupo de Trabalho Estudos Radiofônicos da Compós- Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (2024-2026) e integra o Conselho Geral da Associação das Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA) como Diretora de Relações Institucionais (2024-2026). Destacada em suas atuações, recebeu o Prêmio Luiz Beltrão 2025, como coordenadora do Grupo de Pesquisa ConJor na Categoria Grupo Inovador, e como diretora da Rede Rubra, o Prêmio Luiz Beltrão 2025 na categoria Instituição Paradigmática.

A jornalista começou a trabalhar em rádio como estagiária (sem supervisão formalizada à época, produzindo jornalismo com um colega de turma, como ela mesma respondeu nesta pesquisa) na Rádio Nacional Sul, em Ponta Grossa, em 1995, onde atuou por quatro meses. Na Rádio Difusora de Ponta Grossa trabalhou por menos de um ano, em 1996. Fez cobertura especial esportiva na Rádio Cultura de Guarapuava, no ano seguinte.

Nas emissoras em que trabalhou exerceu funções nas áreas de reportagem, apresentação e operação de som. Na Rádio Nacional Sul foi âncora em um radiojornal e apresentadora de um programa noturno de música e jornalismo chamado "Terra, Cidade e Informação". Quando perguntada sobre quais foram as suas melhores e piores lembranças nas emissoras em que atuou, Debora evidencia boas lembranças de coberturas especiais, especialmente na editoria de política, "que impactaram de alguma maneira na cidade". Lembra

também do “companheirismo e apoio de alguns colegas, em redações majoritariamente masculinas”, que a ajudavam “a acreditar no trabalho que eu desenvolvia, mesmo com as dificuldades de ser mulher no rádio dos anos 1990”.

Todavia, enfrentou “muitas situações de discriminação de gênero nas práticas cotidianas”. E reforçou: “nas rádios, eu tinha mais dificuldade de conseguir reconhecimento do que meus colegas homens”. Debora disse ter convivido no ambiente de trabalho com várias formas de assédio, incluindo piadas sexistas. Segundo a jornalista, isso não era exclusividade do rádio: “o rádio por ser um espaço extremamente masculino, talvez revele isso mais para gente”. Ela reforça que a situação piorou nos últimos tempos com o crescimento de valores conservadores da extrema direita, principalmente com propagação de discursos de um lugar de autoridade como a presidência da república, acarretando um retrocesso imenso em relação aos direitos humanos. No campo do jornalismo, as mulheres sofreram vários e graves ataques no cenário nacional.

Apesar disso, Debora Lopez acredita que para reverter esse retrocesso conjuntural a base da luta feminista é a resistência. “É uma resistência coletiva. Então, essa é uma vantagem. A gente não resiste sozinha, né? Então, a gente resiste pelo jornalismo, mas a gente não resiste só pelo jornalismo. A gente resiste pela docência, mas não resiste só pela docência. Nada do que a gente faz é individualizado quando a gente pensa em luta feminista, em coletividade, né?”, aponta. Acrescenta, ainda que a força da resistência coletiva é um fator preponderante para vencer mais essa fase da história do Brasil: “Eu acho que a gente chegou num nível de articulação, num nível de percepção do que a gente pode fazer se a gente faz junto”.

Nair Prata

Nair Prata Moreira Martins é formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais. É mestre em Comunicação (Universidade São Marcos) e é doutora em Língua Aplicada (UFMG). No doutorado realizou estágio na Universidade do Minho, em Portugal,

com bolsa de estudos da CAPES. Também realizou estágio de pós-doutoramento em Comunicação na Universidad de Navarra (Espanha) e hoje é bolsista de Produtividade em Pesquisa C (CNPq).

Tem 31 livros publicados e organizados, entre eles, três de sua autoria: “Panorama do rádio no Brasil” (2011), “O rádio entre as montanhas - histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira” (2011) e “Webradio: novos gêneros, novas formas de interação” (2009). Contabiliza também 65 capítulos de livros. É uma das mais destacadas pesquisadoras acadêmicas do rádio nos grupos de pesquisa em que está sempre presente e participante. E é uma importante referência para os colegas e estudantes da área da comunicação.

Ela se considera negra e afirma que começou a trabalhar em rádio logo depois de formada, em 1983, na Rádio Tiradentes, uma empresa do Sistema Globo de Rádio, instalada em Belo Horizonte. Ficou nesse veículo por dois anos e, em seguida, mudou-se para a Rádio Cultura, empresa da Rede Itatiaia de Rádio, também de Belo Horizonte. E ela não parou por aí. Logo depois ainda trabalhou na Rádio Itatiaia. Ao todo foram 18 anos de trabalho em emissoras de rádio. Nas estações por onde esteve ocupou funções de noticiarista, produtora e repórter.

Ganhou muita experiência que é sempre dividida com os alunos nas faculdades por onde lecionou e ainda leciona. Atualmente, ela é pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Na Universidade FUMEC, em Minas Gerais, é professora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Informação e Comunicação e Gestão do Conhecimento, professora do curso de Jornalismo e coordenadora da Rádio FUMEC. Também está liderando a pesquisa “El podcast em el ecosistema mediático de América Latina y el Caribe e faz parte da Red Internacional de Historiógrafos de la Comunicación.

As pesquisas desenvolvidas ao longo da sua trajetória acadêmica estão relacionadas ao rádio, a começar pela dissertação de mestrado, intitulada “A fidelidade do ouvinte de rádio - fatores determinantes da audiência fiel”, escrita quando trabalhava na Rádio Itatiaia. Segundo ela, a pesquisa foi realizada por

meio de entrevistas com cerca de 400 ouvintes da emissora. Um estudo de recepção que é bastante complexo para ser feito e, cuja área de rádio e mídias sonoras ainda carece.

Quem conhece Nair Prata, sabe que o trabalho não a intimida. Como pesquisadora atuante em diversas entidades como Intercom, ALCAR e SBPJor - Sociedade Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo), abriu muitas frentes como a criação do Grupo de Interesse na ALAIC – Associação Latino-Americana de Pesquisadores da Comunicação, o Rádio e Mídia Sonora. Em 2025 está como editora da Revista Mediação e é proprietária de uma editora, a Libriana Editorial. Entre os vários títulos de reconhecimento está o Prêmio Luiz Beltrão 2013, na categoria Liderança Emergente; o 3º lugar nacional no Prêmio Freitas Nobre de Doutorado 2008, concedido pela Intercom; e no mestrado ganhou o Prêmio Intercom 2001 de Melhor Dissertação de Mestrado do Ano, na categoria Rádio e TV.

No percurso junto às entidades, Nair Prata foi Diretora científica da Intercom (2017-2020; 2020-2023), coordenou o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom por dois mandatos (2011-2012; 2013-2014), foi diretora Regional Sudeste da Intercom (2014-2017) e vice-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (2015-2019).

Valci Zuculoto

A trajetória acadêmica e profissional de Valci Regina Mousquer Zuculoto é uma das mais significativas contribuições ao campo do radiojornalismo e da mídia sonora no Brasil. Jornalista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é Mestra e Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ (ECO/UFRJ). Atualmente, é professora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua desde 1990, com ênfase em jornalismo sonoro,

radiojornalismo e comunicação pública.

Sua experiência profissional no rádio teve início ainda nos anos 1970, quando, como estudante, foi contratada pelo jornal Zero Hora e pela Rádio Gaúcha, dois dos principais veículos do Grupo RBS no Rio Grande do Sul. Atuou como redatora, repórter e editora de noticiários. Foi também diretora da FM Cultura de Porto Alegre (1999–2003) e produtora do programa Grande Rio Grande, irradiado pela Rádio Guaíba.

Na UFSC, fundou e coordena a Rádio Ponto UFSC, uma das primeiras webemissoras universitárias do Brasil, consolidando um espaço experimental e formativo para o jornalismo sonoro. Foi vice-presidente da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA) entre 2022 e 2024 e é líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFA), certificado pelo CNPq. Também integra o Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora do Marahão (GP RPM).

Sua atuação científica inclui uma longa trajetória. Desde 2023 Valci é a presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia (ALCAR), onde foi Diretora Científica (2019-2023). Ainda atuou como coordenadora do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (2015-2019) e da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (Radiojor/SBPJor), da qual é uma das fundadoras. Também é secretária de Educação da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), conselheira da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ) e diretora do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina.

É autora de “No Ar – A história da notícia de rádio no Brasil” e “A programação de rádios públicas brasileiras”, e é organizadora e coautora de dezenas de livros sobre rádio, jornalismo e história da mídia, com destaque para coletâneas como “Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção”, “Comunicação e a Historicidade das crises na História da Mídia no Sul do Brasil”, “Estudos Radiofônicos no Brasil – 25 anos do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom”, “História e memória da mídia em tempos de violências e resistências”,

“Teorias do Rádio - Textos e Contextos V. 2” e “Formação Superior em Jornalismo - Uma exigência que interessa à sociedade V. 2”.

A produção científica inclui também capítulos em obras referenciais como “Jornalismo e história da comunicação”, “Jornalismo: reflexão e inflexão”, “Do ecossistema radiofônico à comunicação de mercado: novos horizontes”, “Migração do Rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica”, “80 anos das rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro”; “Radialismo no Brasil - Cartografia do Campo Acadêmico”, “Rádio em Portugal e no Brasil: trajetória e cenários”, “Rádio e Pânico 2 - A Guerra dos Mundos 75 anos depois”, “70 anos de radiojornalismo no Brasil”, “Caminhos do campo comunicacional no Brasil e na Argentina”, “Teorias do Rádio - Textos e Contextos-Volume 1”, “Rádio e Pânico - A Guerra dos Mundos 60 anos depois”, “Rádio Brasileiro - Episódios e Personagens” e “E o rádio? Novos Horizontes Midiáticos”.

Reconhecida nacionalmente, recebeu o Prêmio Luiz Beltrão da Intercom em duas categorias: Liderança Emergente (2017) e Maturidade Acadêmica (2024). Atualmente, é Diretora Editorial da Série Mídia Sonora da Editora Insular.

Com uma carreira marcada pela prática jornalística, militância sindical e excelência acadêmica, Valci Zuculoto é uma referência no campo da mídia sonora, tendo contribuído de forma decisiva para a consolidação do radiojornalismo como objeto de ensino, pesquisa e extensão no Brasil.

Considerações finais

Este mapeamento ampliado, revisado e aprofundado, realizado com um questionário *on line* (*google forms*) enviado para as mulheres acadêmicas de dois grupos relevantes e que estudam rádio, podcasts e mídias sonoras, como o Rádio e Mídia Sonora da Intercom e História da Mídia Sonora da ALCAR, foi muito positivo.

O trabalho iniciado como pesquisa exploratória em currículo lattes, para um Resumo Expandido de 2024 e um artigo apresentado no Grupo Temático do

XV Encontro Nacional de História da Mídia em 2025, agora está mais completo e resultou na identificação de 38 profissionais mulheres que trabalharam e/ou trabalham em rádio e são pesquisadoras acadêmicas.

Destacamos que desse total, 27 responderam ao questionário semiestruturado, enviado em final de abril e disponível até 5 de maio de 2025. As 11 profissionais citadas neste artigo foram identificadas por meio da pesquisa exploratória em seus currículos lattes. Mas não descartamos a possibilidade de que outras mulheres que se integraram a um dos grupos de pesquisa da Intercom ou da ALCAR tenham uma história de vida em alguma rádio.

Neste artigo percebemos ainda que a maioria dessas acadêmicas continuam estudando esse veículo de comunicação que no Brasil completou 106 anos de existência. Algumas se mantêm atuando em rádios universitárias e/ou projetos de extensão de rádio nas instituições onde trabalham. Uma observação necessária. Para esta investigação não realizamos a comparação de gênero para saber quantos são mulheres e quantos são os homens que participam dos encontros científicos. Deixamos aqui como uma proposta futura.

Como não podemos narrar as histórias e relembrar as memórias de todas neste artigo, optamos por fazer uma descrição das três últimas coordenadoras do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom - Nair Prata (2011-2012; 2013-2014), Valci Zuculoto (2015-2019) e Debora Cristina Lopez (2021-2024).

Nosso objetivo aqui foi mapear as mulheres, a partir da perspectiva de gênero, para dar visibilidade as suas histórias na participação e na construção do rádio brasileiro. Também consideramos que estamos contribuindo para a Pesquisa Nacional Coletiva intitulada "A história das mulheres no rádio brasileiro - revisão do relato histórico", coordenada pelas professoras Juliana Gobbi Betti (UFOP) e Valci Zuculoto (UFSC), cuja finalidade é desenvolver uma revisão do relato histórico do desenvolvimento do rádio brasileiro, incluindo o gênero como uma categoria de análise, evidenciando a contribuição das mulheres na constituição do meio no país.

A atuação das pesquisadoras que participaram da pesquisa em diferentes

emissoras de rádios e funções demonstra a versatilidade delas no fazer radiofônico e suas contribuições para a história da radiodifusão no Brasil. Também se destacam relatos marcados por disputas políticas e resistência, como o caso da jornalista demitida por justa causa após participar de uma greve. Esses testemunhos evidenciam que a atuação das mulheres no rádio não se limita à técnica ou à presença simbólica, mas envolve disputas por espaço, linguagem e poder na mídia sonora.

Referências

BETTI, Juliana Gobbi. **Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos**. Florianópolis: UFSC, 2021. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Bhuvli Libanio. 19º ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2022.

LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena. Perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora. Mariana - MG, v. 13, n. 01, p. 2-8, jan./abr. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação**: projetos, ideias, práticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MUSTAFÁ, Izani; FRAGA, Kátia; BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de; PINHEIRO, Roseane Arcanjo; MARTINS, Katherine Malaquias. As mulheres de ontem e de hoje no Rádio de Imperatriz (MA). **Anais**. XIV Encontro Nacional de História da Mídia. Niterói (RJ): ALCAR, 2023. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-14o-encontro-2023/>.

MUSTAFÁ, Izani; MARTINS, Katherine Malaquias. As mulheres que trabalham em rádio em quatro cidades da Região Tocantina (MA). **Anais**. Simpósio de Comunicação da Região Tocantina. Imperatriz (MA), 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/simcom-2023?lang=pt-br>.

MUSTAFÁ, Izani.; FRAGA, Kátia; BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de; **Das ondas sonoras às produções científicas: mapeamento e histórias de pesquisadoras que trabalharam e/ou trabalham em rádio**. Artigo apresentado no XIV Encontro Nacional de História da Mídia. Mariana (MG): ALCAR, 2025.

Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/>.

SCOTT. Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. In: Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. p. (1-35). Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso: 20 jun. 2024.

ZUCULOTO, Valci.; BETTI, Juliana Gobbi. A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico. **Anais**. XIII Encontro Nacional de História da Mídia. São Paulo: ALCAR, 2022.

ZUCULOTO, Valci; GOBBI, Juliana Gobbi. A história (das mulheres) do rádio no Brasil – uma proposta de revisão do relato histórico. In: MUSSE, C. F.; MAGNOLO, T. S.; ZUCULOTO, V. (Orgs.) **História e memória da mídia em tempos de violências, lutas e resistências**. São Paulo: ALCAR, 2024.

ZUCULOTO, Valci. A história do campo acadêmico do rádio no Brasil: registros referenciais para uma proposta de roteiro de percurso. In: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo. (Orgs.). **Estudos Radiofônicos no Brasil – 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom**. São Paulo: Intercom, 2016. (Coleção GP'S – grupos de pesquisa, vol. 22).